



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

LÓREN CAROLINY SOUZA ELIAS

**RELATÓRIO DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
À BEIRA DO RIO: CRÔNICAS DO COCÓ**

**FORTALEZA
2025**

LÓREN CAROLINY SOUZA ELIAS

À BEIRA DO RIO: CRÔNICAS DO COCÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura
e Arte da Universidade Federal do Ceará,
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA

2025

LÓREN CAROLINY SOUZA ELIAS

À BEIRA DO RIO: CRÔNICAS DO COCÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Robson da Silva Braga (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Ana Claudia Mendes de Andrade e Peres

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Esp. Erilene Firmino da Silva

Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA

2025

AGRADECIMENTOS

Há alguns anos, não sei precisar quantos, assisti a uma série que acompanhava vários treinadores com grandes feitos em seus respectivos esportes. Um deles é Doc Rivers, técnico e ex-jogador de basquete.

Para ser sincera, não acompanho os jogos e nem sabia quem era o treinador. Gosto mesmo é das histórias que o esporte, ou qualquer área da vida, conta e as coisas que posso aprender com elas. Foi assim que fui parar em uma série sobre técnicos famosos e o que eles faziam, ou melhor, as ideias que disseminavam, para motivar os atletas. Foi assim que também conheci o Ubuntu.

Ubuntu é uma filosofia africana que Doc Rivers ensinou e aplicou no seu trabalho com os jogadores do Boston para unir o time e enfrentar o racismo. O treinador e depois o livro de Mungi Ngomane me ensinaram o que essa pequena palavra significa: eu sou porque nós somos. Não há como ser sem o outro.

Essa é uma das certezas que me norteiam, tão forte que está na minha pele. Qualquer coisa que sou, só sou porque todos ao meu redor me formaram. Por eles, por tudo que representam e pelo privilégio de tê-los comigo, sou infinitamente grata. Por este trabalho e pela vida.

A Deus, meu amigo. Se tenho esperança em algo, tenho em você. Se acredito nas pessoas, é porque me ensinou. Contigo aprendi, também, que conhecer as histórias é o primeiro passo para amar.

À minha mãe, Ailza, de quem puxei tudo que de melhor há em mim, inclusive as feições. Quando preciso, olho para você para encontrar coragem, força e graça. Ao meu pai, Océlio, que fez e faz tudo que pode por mim. Em todos os meus melhores e mais importantes momentos, lá estava você. Obrigada por me ensinarem o que é ser amada.

À minha irmã, Louise, com quem dividi o quarto e a infância, e com quem continuo compartilhando as roupas, os pais, os pedaços de bolo, as melhores risadas e as teimosias. Aos meus cachorros, Cristal, Lupe e Pitucha, pela fofura imensurável e pela companhia leal nos dias e nas noites.

À minha prima Bianka, quem primeiro me contou um pouco sobre a história do mundo e me inspirou a ler e estudar de verdade e com gosto — o que, de certa forma, me trouxe até aqui. Às minhas tias Regina e Airma, por todo carinho, cuidado e passeios ao longo

dos anos. Às minhas avós, Maria do Carmo e Adelaide, que sobreviveram a violências e, em seus dias mais comuns, foram não só suas próprias heroínas como as dos filhos também.

À Isabella, Fabiana, Faely, Arine, Rayane, Maria Clara, Ludmyla e Clarice. Não quero esquecer nenhum trabalho, viagem, trilha, gravação, roteiro, edição que fiz com vocês. Muito menos as conversas e saídas que tivemos. Fico feliz por passar por duas graduações antes de chegar e me estabelecer no Jornalismo, todo caminho que fiz e todas as esquinas que dobrei me levaram a conhecer vocês.

A todo o 21.1, dividir a graduação – assim como todos os perrengues, dores de cabeça, confusões, jogos de uno e eventos que só poderiam ter acontecido com essa turma – foi uma alegria. Para vocês, só desejo o melhor.

Ao todos os outros amigos que fiz ao longo do curso, meu muito obrigada por todas as conversas de corredor, de lab A ou B, de banco ou de Ventão.

Ao André, que me deu os primeiros direcionamentos para a identidade visual, e ao Guilherme, que diagramou com tanta excelência este livro. Realmente, quem tem um amigo, tem tudo.

A todos os meus professores do curso, que, além da minha gratidão pelos ensinamentos e pelas trocas, têm também minha sincera admiração. Ao professor Robson, em especial, por todas as ideias, boas conversas e orientação que ajudaram este trabalho a tomar corpo.

À Erilene Firmino, uma jornalista grandiosa e uma professora querida, que também me ajudou com o texto do À beira do Rio. À professora Ana Claudia, que com a Eri e o Robson, compõe a minha banca.

À Aiesec, onde aprendi o valor do trabalho com causa e da busca pela excelência. E à Maria Helena, amiga desde essa época.

Ao Danniel, Akihito, Lucas e Layane, com quem trabalhei na Politize!, meu primeiro estágio, e com quem aprendi muito. Também agradeço à Carol, Mariana, Débora, Luciana e Ludmilla, pelo meu tempo na Vida Simples e por todas as histórias maravilhosas que tive o prazer de ouvir e contar.

Meu muito obrigada ao senhor Benevaldo, dona Neide, Renato, Antonieta, tenente Araújo, Roniele, Marília, Madalena e o senhor Raimundo, por confiarem a mim uma parte de suas vidas e memórias. Agradeço também aos professores Marcelo Moro, Jeovah Meireles e Helena Sampaio, às mestrandas Maria Ligia e Rosilene, ao biólogo Gabriel Aguiar e ao gestor do PEC, Narciso Mota, pelas orientações e explicações.

Também agradeço ao rio Cocó, a alma deste trabalho. Apesar de tudo, continua correndo. Suas águas, matas e animais contam muitas histórias. Penso que ele permanece, subversivo à ordem do mundo, para que nem ele, nem as vidas que carrega, se percam.

Sou porque nós somos.

RESUMO

O rio Cocó, da nascente à foz, percorre 50 km e atravessa quatro cidades: Pacatuba, Maracanaú, Itaitinga e Fortaleza. Ao longo de seu curso na capital cearense, atravessa quinze bairros, cortando a cidade de uma ponta a outra, o que o torna um importante elemento ambiental e também urbano. O presente livro propõe-se a fazer o percurso do rio na cidade para retratar suas condições, além dos diferentes aspectos sociais, econômicos e ambientais que estão relacionados ao Cocó. Para isso, o trabalho optou por trazer as narrativas a partir de crônicas narradas pelo próprio rio em diferentes trechos. Uma reportagem também foi adicionada para complementar com informações objetivas os relatos e as descrições contidos nas crônicas. Para a realização do trabalho foram usadas as técnicas de pesquisa documental, observação participante, crônica reporteira e entrevista.

Palavras-chave: Rio Cocó; Parque Estadual do Cocó; crônica; jornalismo ambiental.

ABSTRACT

The Cocó River, from its source to its mouth, spans 50 km and passes through four cities: Pacatuba, Maracanaú, Itaitinga, and Fortaleza. As it flows through the capital, it crosses fifteen neighborhoods, cutting through the city from one end to the other, making it both an important environmental and urban element. This book aims to follow the river's path through the city to depict its conditions, as well as the various social, economic, and environmental aspects related to the Cocó. To achieve this, the work presents narratives in the form of chronicles told by the river itself at different points along its course. A report has also been included to complement the chronicles with objective information. For this work, research techniques such as document analysis, ethnography, reportage-style chronicles, and interviews were used.

Keywords: Cocó River; Parque Estadual do Cocó, chronic; environmental journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos.....	11
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
4 JUSTIFICATIVA.....	13
5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
6 METODOLOGIA.....	16
7 SUPORTE.....	20
8 ESTRUTURA DO PRODUTO.....	21
9 PROJETO GRÁFICO.....	22
9.1 Capa, contracapa e miolo.....	22
9.2 Miolo do livro e imagens:.....	25
9.3 paleta de cores:.....	26
10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA.....	28
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	30

1 INTRODUÇÃO

O Rio Cocó tem uma extensão de 50 km e passa por quatro cidades: Pacatuba, Maracanaú, Itaitinga e Fortaleza. Por atravessar tanto a região metropolitana quanto a capital do estado, o rio não apenas acompanhou o crescimento urbano, mas também sofreu — e ainda sofre — suas consequências.

Seu trecho em Fortaleza, o recorte deste trabalho, corta o município de uma ponta a outra e margeia diferentes realidades sociais, econômicas e ambientais, que foram construídas e desenvolvidas ao longo de anos. Um dos locais por onde ele passa é o Jangurussu, bairro onde cresci. Sempre o via em minhas idas e vindas pela cidade, mas, por um bom tempo, ele foi apenas parte da paisagem.

Em certas ocasiões, ele era um problema. As chuvas, sobretudo as mais intensas, o faziam encher e se espalhar pelas ruas e avenidas próximas. Em uma situação mais extrema, em 2019, as águas subiam pelas paredes das casas e fizeram muitas pessoas perderem seus pertences. Felizmente, eu e minha família não sofremos com isso.

O tempo passou, eu entendi um pouco mais sobre a importância do rio, aprendi que ele é poluído e que a cidade é mal planejada. Sabia que era importante cuidar e preservar o meio ambiente e que a crise climática era algo severo. Mas tudo isso era um entendimento superficial, não era sentido. Só passei a olhar para o rio com outros olhos depois que conheci quem o enxergava como ser vivo, foi então que pude vislumbrar também. Ele é vivo. E se é vivo, pode morrer.

Os males que ameaçam a existência do rio são fruto de um processo de urbanização que supriu não apenas o Cocó, mas também grande parte do ambiente natural da cidade. Atualmente, somente 17% da área do município é coberta por áreas verdes maciças.

Desmatamento, poluição, contaminação, diminuição da fauna e inundações são algumas das questões que surgem a partir da interface entre natureza e cidade. Desse modo, o Cocó aparece como uma parte que ajuda a compreender como a sociedade se relaciona com a natureza na totalidade. A interação tende a pesar para a degradação do meio ambiente, mas ela afeta, também, seres humanos — alguns são mais vulneráveis, mas todos são impactados por esses problemas ambientais.

A retirada de mata nativa e a subsequente construção às margens do rio, por exemplo, intensificam a impermeabilização do solo, favorecendo o aparecimento de inundações de ruas e avenidas. Residências construídas muito próximas aos corpos de água, nas chamadas áreas

de risco, também podem ser atingidas pelo aumento do nível de água. Isso é um risco para a segurança das pessoas. Do mesmo modo, é um prejuízo para o rio e suas dinâmicas.

Além disso, a diminuição de áreas verdes interfere negativamente no clima, deixando a cidade ainda mais quente e diminuindo a presença de animais e plantas no espaço.

O contexto urbano é acompanhado pelo problema do descarte de lixo e esgoto, o que nem sempre é feito da forma correta. Atualmente, a cobertura de esgoto da cidade é de 71%, um número que cresceu com projetos e ações de saneamento, mas que não marca a universalização do serviço. Dessa forma, é possível ocorrer ligações inadequadas de esgoto, que acabam sendo destinadas ao rio Cocó, por exemplo. O descarte irregular continua sendo um problema, resultando no acúmulo de resíduos nas ruas. No período de chuvas, ele é arrastado para dentro do rio. A contaminação pelo lixo não para por aí, uma vez que às margens do rio existe um lixão desativado, a Rampa do Jangurussu, e que não possui nenhuma ação para conter ou tratar o chorume que ainda infiltra no solo e chega a água.

À beira do rio: crônicas do Cocó passeia pelo trajeto do rio em Fortaleza, captando e descrevendo alguns desses aspectos, assim como as relações que se estabelecem entre o rio e a cidade. O livro não apenas retrata os desafios enfrentados pelo rio, mas também explora as interações de harmonia e dependência entre humanos, animais e a natureza.

Ao fazer isso, ele adere à voz do rio para refletir sobre a história do homem na cidade, sobre comportamentos, acontecimentos, a forma com que é tratado e sobre as pessoas, animais e mata que encontra ao longo de seu curso.

A produção complementa os textos em crônica com uma reportagem que oferece detalhes e explicações mais objetivas para os cenários narrados nas crônicas. Essa estrutura busca complementar a visão subjetiva do rio com informações concretas sobre planejamento urbano e índices de contaminação.

Em suma, o livro segue o caminho da cobertura ambiental, buscando contextualizar os cenários, posicionar-se em favor da causa ambiental e narrar histórias para sensibilizar para essas questões. Para isso, une jornalismo e literatura, crônicas e reportagem, para apresentar e descrever os diferentes aspectos que perpassam o rio Cocó, a cidade e os seres.

2 OBJETIVOS

Este trabalho tem como base os seguintes objetivos:

2.1 Geral

Elaborar um livro com crônicas e reportagem que retrate as relações sociais, ambientais e econômicas que as populações de Fortaleza estabelecem com o rio Cocó e seu entorno.

2.2 Específicos

- Contar, por meio de crônicas, situações cotidianas que mostram a relação da sociedade e da natureza com o rio Cocó e seu entorno em Fortaleza.
- Propor uma voz e uma identidade para o rio, de modo que a narrativa elaborada por meio das crônicas ocorra a partir da sua perspectiva dele, em primeira pessoa.
- Reunir, a partir de documentos, relatórios, pesquisas e entrevistas, informações objetivas a serem apresentadas em uma reportagem, a fim de complementar os cenários, contextos e reflexões presentes nas crônicas.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Por atravessar a cidade, o rio é um elemento da dinâmica ambiental e urbana de Fortaleza. Ele reflete aspectos do presente e da relação que a cidade tem com o meio natural como um todo. Além disso, estão impressas nele as marcas do passado.

Pesquisar sobre o rio vai além da geografia e da hidrologia. Passa por questões sociais e ambientais complexas que dizem respeito a todas as interações que ocorrem não só às suas margens, mas por uma área ampla. Esses contatos são múltiplos, indo do processo de ocupação irregular da cidade e suas consequências, aos efeitos do grande número de pessoas no município. Eles passam também pela relação humana com o rio, que pode ser de afastamento, desrespeito ou medo, ou, por outro lado, de proximidade, identificação e reverência. Não se pode deixar de falar da dependência do rio com a mata ao seu redor e dos animais com ele.

Entende-se, portanto, o rio como um universo, um conjunto formado por ele e todos esses elementos, o que torna sua dinâmica muito complexa. Por esse motivo, é importante narrar essa multiplicidade de cenários, assim como os personagens que os compõem. Isso, aliado ao formato de crônica, ajuda a retratar a vastidão de realidades que existem no percurso do rio em Fortaleza. A reportagem, texto usado para complementar as informações e descrições da primeira parte do livro, também colabora para um entendimento mais amplo desses panoramas.

Contar as histórias a partir da perspectiva do rio tem o propósito não apenas de narrar situações comuns a ele, mas de aproximar o leitor o máximo possível das realidades vividas pelo rio e por todos os outros elementos e personagens que o atravessam. A humanização do rio é um caminho escolhido para sensibilizar e instigar empatia não só com ele, mas com tudo o que está à sua volta.

4 JUSTIFICATIVA

O Cocó entra na cidade pelo Conjunto Palmeiras e a percorre até seu encontro com o mar, na praia da Sabiaguaba. Ao longo desse percurso passa por diversos bairros, avenidas e ruas, algumas delas muito presentes no meu cotidiano. O Palmeiras, por exemplo, é um bairro muito próximo ao local que moro. A Rampa do Jangurussu, antigo lixão desativado que fica às margens do rio, também é um elemento marcante da paisagem.

Embora o rio sempre estivesse em locais próximos a mim e eu soubesse da importância que tinha, eu conhecia apenas seu nome. Dava a ele um valor baixo, fruto de uma relação superficial e passageira.

Ele passa a ter mais significado para mim e se torna tema e personagem principal do Trabalho do Conclusão de Curso por inspiração do Projeto Aratinga. Ele foi elaborado como produto final para a cadeira de Laboratório de Jornalismo II, e é uma produção de jornalismo ambiental que se desenrolou ao longo de sete meses, em cobertura jornalística sobre a fauna cearense. No período de apuração, muitos locais foram visitados, muitas fontes e personagens foram entrevistadas e muitos documentos foram consultados. A crescente proximidade com essa temática, assim como a possibilidade de presenciar relacionamentos tão fortes com a natureza — e com o rio —, criaram em mim uma motivação para realizar outro trabalho também voltado para o meio ambiente.

Dessa forma, passei a observar com mais atenção a cidade e seus elementos. Nessas observações, notei o que havia de mais comum e ordinário: o rio. Depois disso, o Cocó se tornou tema e objeto deste trabalho. Diante disso, a produção buscou percorrer o rio pela sua extensão em Fortaleza e entendê-lo melhor, o que passa por retratar e compreender as relações que o urbano e o natural possuem. Por isso, foram abordadas questões relacionadas à ocupação e à construção da cidade, inundações e poluição, além das vidas cotidianas das pessoas e de outros seres, como animais e plantas, as quais o rio pode observar e refletir.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para produzir um material que conseguisse retratar adequadamente as diversas relações e realidades sociais e ambientais estabelecidas entre o rio Cocó e a cidade de Fortaleza, optou-se por narrar situações e personagens cotidianos que representassem essas relações. Para isso, o formato de crônica foi escolhido.

Esse formato se mostrou o mais adequado, uma vez que a crônica tem por matéria-prima os cotidianos e também os cruzamentos entre as ruas e as pessoas (Portela, 1986). Apesar de ter o rio como personagem principal e narrador, o livro mantém a essência de se debruçar sobre os relacionamentos das pessoas com o meio em que estão. Além disso, o ambiente urbano continua presente, sendo uma parte da tríade abordada no livro — cidade, pessoas e natureza.

Para Massaud Moisés (1997), algumas características são elementares para o gênero, a que ele considera a mais importante é a subjetividade.

Na crônica, o foco narrativo situa-se na primeira pessoa do singular; mesmo quando o ‘não-eu’ avulta por encerrar um acontecimento de monta, o ‘eu’ está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo sua visão pessoal. A impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas (Moisés, 1997, p. 116).

Tendo em vista essa característica da crônica, se optou por fazer do personagem principal, também a voz que narra o livro e oferece a sua visão sobre as situações que observa.

O uso da crônica para o trabalho se aproveita das aproximações que existem entre Literatura e Jornalismo e que dão as bases para o Jornalismo Literário. Nele, se rompe o formato do dogmático do lide e se busca narrar com outros artifícios, proporcionando novos e amplos pontos de vista, além de relatos mais profundos e sensíveis. A combinação tem como objetivo, também, potencializar os recursos do jornalismo (Pena, 2006).

Para Pena (2006), nessa abordagem também não existe preocupação com a novidade, esse limite é ultrapassado. Dessa forma, é possível recorrer a fatos corriqueiros e comuns — como se faz com as crônicas. Entretanto, mesmo com essas características distintas da prática convencional, o rigor de apuração, a observação atenta e a expressão direta das ideias permanecem como pilares das produções.

Buscou-se, aliado a esses conceitos, a prática do jornalismo humanizado. Nela, se busca focar nas experiências e histórias humanas para entender os contextos em que estão

inseridos e trazer mais visibilidade para pessoas invisibilizadas. Além disso, a perspectiva empática que ele propõe permite que emoções sejam transmitidas (HANUSCH, 2018).

Por fim, parâmetros do Jornalismo Ambiental também orientaram as bases teóricas para elaboração do trabalho.

Para Hansen (1993), a cobertura midiática tradicional tem as catástrofes, os problemas e as crises como um lugar. São os eventos que tomam o foco das matérias produzidas, e há pouco contexto ou análises sobre esses fenômenos e suas causas. O autor defende também que o jornalismo poderia contribuir para a conscientização por parte das pessoas a respeito do meio ambiente.

Bueno (2006) também destaca que o Jornalismo Ambiental se posiciona, sendo engajado e comprometido com a qualidade do solo, da água, com a biodiversidade, a perpetuação da vida, etc. Desde a pauta, existe a preocupação com as questões ambientais e apresentação de um contexto amplo, que explique as condições atuais. Para isso, ele se propõe a dialogar, indicar caminhos e se aproximar daqueles que fazem as coisas acontecerem. Além disso, o Jornalismo Ambiental busca comover e incentivar mudanças de comportamento.

Dessa forma, este trabalho se propôs a unir essas bases teóricas e elaborar um produto que não apenas relata eventos problemáticos, mas conta a história de pessoas, seu envolvimento com o local e também como são afetadas pelo contexto em que vivem.

6 METODOLOGIA

A pesquisa documental guiou os primeiros passos de apuração, uma vez que ela permitiu ter uma dimensão maior a respeito dos contextos sociais e ambientais que permeiam o rio Cocó. Esse tipo de processo é defendido por Cellard (2008) por possibilitar observar a temporalidade dos acontecimentos e a progressão dos acontecimentos e fatos.

Outra metodologia-base para a elaboração do trabalho é a etnografia, descrita por Yves Winkin. Ela deu os direcionamentos para as atividades de visita, assim como as observações e descrições dos locais. Para Winkin (1998), a etnografia está relacionada com a capacidade de ver, de estar com outras pessoas e também de escrever — pilares fundamentais para que cada crônica fosse elaborada. Dentro desse método, são usadas as técnicas de observação participante e a entrevista.

Alguns textos foram produzidos unicamente por meio da observação dos lugares e das pessoas. Outros, foram elaborados também a partir de entrevistas. O procedimento da entrevista em profundidade auxiliou nesse processo, já que ela permite que o entrevistado possa contar detalhadamente sobre suas experiências. Além disso, a técnica busca capturar aspectos subjetivos e os efeitos dessas vivências nas pessoas, o que oferece material para construir uma compreensão mais complexa, detalhada e humanizada das situações relatadas (Fontana & Frey, 2005).

Depois da leitura de materiais-chave para a execução do trabalho, foi feito um levantamento de fontes especialistas em áreas da biologia, geografia, hidrologia e ciências ambientais para serem entrevistadas e comporem, principalmente, a parte do livro de caráter mais objetivo — a reportagem. Conversar com essas pessoas foi essencial para entender e dimensionar melhor os diferentes cenários, problemas e relações que se sucedem diante e com o rio.

Foi elaborado, também, um mapeamento geográfico de trechos por onde o rio passava. Como ele atravessa algumas ruas, avenidas e bairros, esses pontos foram delimitados e listados, para direcionar a escolha dos locais a serem visitados. Com isso, foi possível entender o curso do rio na cidade — e segui-lo para realizar a apuração.

Quatro grandes áreas foram escolhidas com base no mapeamento e nas pesquisas iniciais. A região que comprehende o Conjunto Palmeiras e os bairros Jangurussu e Passaré é a porta de entrada do rio na cidade e também a primeira região a ser visitada. A área seguinte é uma área que vai do bairro Barroso até o bairro Cocó. A terceira é o Parque Estadual do Cocó, no trecho em que ele é mais conhecido e visitado, entre as avenidas Washington Soares

e Sebastião de Abreu. A parte final compreende o último trecho do rio na cidade, na região da Sabiaguaba, onde o rio deságua no mar.

Essas áreas foram delimitadas por apresentarem questões, cenários e relacionamentos comuns com o rio, o que ajudou a dividir o livro em partes, a definir as temáticas abordadas em cada uma dessas partes e a direcionar a apuração. O primeiro trecho, por exemplo, vivencia com o rio problemas de construções em locais inadequados, poluição, inundação, o que tematizou as primárias quatro crônicas.

O segundo trecho, o maior de todos, passa por diferentes realidades e acompanha diferentes aspectos da vida urbana, o que foi escolhido para compor a temática dessa secção do livro. Dessa forma, essa parte traz como temática obras realizadas ao longo do rio, a aparência da cidade, transito e hábitos e comportamento das pessoas.

O terceiro trecho, exclusivo do Parque Estadual do Cocó (PEC), foi pensado para abordar o relacionamento do rio com ele próprio e com a natureza — a mata, os animais. No último trecho, foi escolhida a região da foz e que também contempla duas comunidades tradicionais, que vivem dentro do PEC. Nesse local as temáticas das crônicas se direcionam para os diferentes tipos de relacionamento que as pessoas possuem com o rio e com o meio ambiente.

As temáticas de cada parte do livro tiveram uma organização prévia, mas foram sendo refinadas com as visitas e entrevistas.

Ao fim de cada visita ou entrevista, já se iniciava o processo de escrita das crônicas que retratava aquele determinado local. Após a finalização das crônicas, foi iniciada a escrita da reportagem. Materiais usados na pesquisa documental e entrevistas, já feitas, com os especialistas e personagens, foram usados para compor o texto. Além disso, fontes oficiais foram cantadas nesse período.

Ao todo doze locais foram visitados, dezenove entrevistas foram feitas e vinte crônicas e uma reportagem foram escritas. As maiores dificuldades da apuração foram o deslocamento pela cidade, algumas regiões próximas ao rio não foram abordadas nas crônicas devido à insegurança de ir até esses locais.

Outra dificuldade ficou por conta da escrita das crônicas, cada uma exigiu muito tempo e energia. Desde as visitas e entrevistas, foi necessária muita atenção para absorver o máximo de detalhes dos locais, assim como os sentimentos, posturas, comportamentos e pensamentos expressos pelas pessoas observadas e/ou entrevistadas. Na hora de escrever, foi preciso muito cuidado para traduzir essas sensações em palavras, adaptar para uma narração feita pelo rio e transmitir humanização e empatia.

Por fim, o livro é um material sobre o rio, mas ele fala também muito sobre as pessoas, a cidade e o relacionamento que existe com o meio ambiente.

6.1 Tabela de entrevistas

Entrevistado	Formato
Rosilene de Melo França — geógrafa	Videochamada
Gabriel Aguiar — biólogo e vereador	Videochamada
Antônio Jeovah de Andrade Meireles — professor da Universidade Federal do Ceará do Departamento de Geografia	Videochamada
Narciso Mota — gestor do Parque Estadual do Cocó	Whatsapp
Francineide da Silva Costa - doméstica	Presencial na rua Bela Vista, no bairro Jangurussu
Roniele Sunira — pescador e líder da Comunidade Boca da Barra	Presencial na praia da Sabiaguaba
Marcelo Moro - — professor da Universidade Federal do Ceará do curso de Ciências Ambientais	Videochamada
Benevaldo Vieira — morador e membro da Associação de moradores do Conjunto Palmeiras	Presencial na sede da Associação de moradores do Conjunto Palmeiras
Tenente Francisco de Assis Araújo Garcia	Telefone
Maria Lígia Farias Costa — cientista ambiental	Videochamada
Francy — cabeleireira	Telefone

Antonieta Alves de Lima - artesã e aposentada	Presencial na sede na rua da Chesf, bairro Barroso
Nacelio - calceteiro	Presencial na sede na rua da Chesf, bairro Barroso
Marília Brandão — aposentada	Whatsapp
Renato Monteiro	Telefone
Helena Stela Sampaio - professora do Departamento de Estudos Interdisciplinares da UFC	Telefone
Madalena — cozinheira	Presencial no Polo Gastronômico e Ambiental da Sabiaguaba
Cagece	Escrito
Secretaria de Cidades do Estado do Ceará	Escrito

7 SUPORTE

O suporte escolhido é o de livro de crônicas, uma vez que esse formato permite unir técnicas do jornalismo com o de narrativas literárias. Além disso, essa modalidade é intrinsecamente ligada ao cotidiano e às ruas e permite expressar a diversidade, pluralidade e multiplicidade que existem no comum e corriqueiro (Salgado, 2006).

O formato de crônica traz para o leitor recortes do cotidiano, que são apresentados de uma forma profunda e com reflexões sobre esse cotidiano, seus antecedentes e possíveis desdobramentos. Esse suporte se aproveita das intersecções entre jornalismo e literatura para identificar fatos jornalísticos, se debruçar sobre eles e narrá-los com uma perspectiva mais literária. Sem, entretanto, abandonar a precisão e a profundidade para descrevê-los.

Outros suportes não conseguiriam trilhar esse caminho. No caso do audiovisual, não haveria possibilidade para a criação de um trabalho em que o rio não só é o protagonista, como é o narrador principal — é sua voz que conduz, apresenta e relata tudo nas crônicas.

Um formato sonoro também não seria adequado pelo mesmo motivo também pelo fato de não permitir a apresentação de fotografias, nem de gráficos e mapas que aparecem no trecho da reportagem.

Até um livro-reportagem — que possui proximidades com a literatura — não conseguiria executar, da forma que a crônica permite, a ideia de observar cenas cotidianas e comuns e trazer a centralidade da narrativa para elas.

Ademais, considerando a necessidade da presença de informações objetivas, que escapam ao conhecimento do rio, foi decidido, ainda na idealização do livro, que existiria uma seção que contextualizasse o que é apresentado nas crônicas. Dessa forma, a parte V do livro traz uma reportagem que reúne dados, mapas, levantamentos e explicações de especialistas a respeito da bacia do rio Cocó, do processo de urbanização da cidade, da poluição, do saneamento e das condições de áreas verdes de Fortaleza.

Existe a pretensão de levar o livro para além da universidade, a começar pelas pessoas que convivem diretamente com o rio. Dessa forma, para ser mais acessível ele está no formato digital, mas exemplares físicos também são uma possibilidade no futuro.

8 ESTRUTURA DO PRODUTO

O livro *À beira do rio: crônicas do Cocó* é dividido em seis partes, além de um prólogo. As quatro primeiras são compostas por cônicas — narradas pelo rio — organizadas conforme as temáticas que possuem e os lugares que retratam. A quinta parte é uma reportagem que reúne informações objetivas para complementar o que descrito nas crônicas. A última parte é um texto que fala sobre o processo de escolha da temática. No geral, o livro tem a seguinte estrutura:

- Prólogo

(apresentação do rio e sua chegada em Fortaleza)

- Parte I — Fortaleza

(narrativas focadas nos primeiros bairros pelos quais passa na cidade - Conjunto Palmeiras, Jangurussu e Passaré. Aborda questões de ocupação, alagamentos e poluição)

- Parte II — Vida Urbana

(trecho que vai do bairro Barroso ao Cocó. Temáticas estão relacionadas ao cotidiano humano, retratando as percepções que o rio tem sobre pessoas, moradias, obras, trânsito e incêndios)

- Parte III — O parque

(As crônicas têm como plano de fundo o Parque Estadual do Cocó e retratam elementos da fauna, floresta e histórico da mata e do rio)

- Parte IV — A praia

(Neste trecho, as crônicas retratam a relação de pessoas com a natureza em diferentes pontos próximos à foz do rio)

- Parte V — O Cocó

(Reportagem pensada para conter informações complementares às informações trazidas nas crônicas. Essa parte possui falas de especialistas e alguns dados sobre saneamento e obras, além de trazer um pouco do histórico de ocupação da cidade.)

- O rio e eu

(processo de escolha da temática)

9 PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico do livro À beira do rio: crônicas do Cocó é composto por diagramação, paleta de cores, imagens, elementos gráficos e tipografia de capa e conteúdo. O projeto foi produzido nos programas Canva e Adobe Indesign.

Dados técnicos:

- Páginas: 155
- Suporte: impresso e digital
- Tamanho: 12,5 cm x 18 cm
- Margem: 1cm (superior, inferior e esquerda); 1,4 cm (direita)
- Sangria: 0,4 cm (superior, inferior, esquerda e direita)
- Tipografia da capa: Redonda Bold, Redonda Compresed Bold Italic,
- Tipografia do conteúdo: Redonda bold, Georgia Pro e Redonda Compressed Light,
- Tamanho da letra do corpo do texto: 10 pt
- Espaço entre as linhas: 12 pt

9.1 Capa, contracapa e miolo

A capa e a contracapa, assim como as páginas que abrem os capítulo e a crônicas, possuem desenhos minimalistas do curso do rio em diferentes regiões.

Figura 1 - capa do livro À beira do rio: crônicas do Cocó



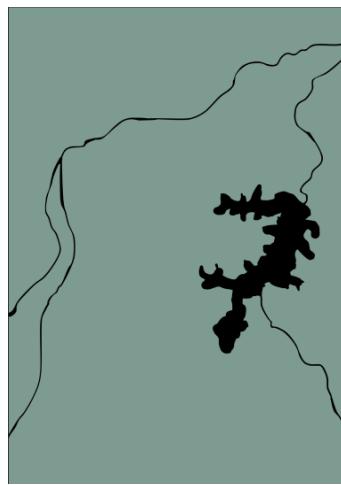
Fonte: Material Lôren Souza/ Canva

A capa traz o traçado do curso do rio na cidade de Fortaleza sobre uma cor sólida, inspirada nas cores do rio. Essa ilustração foi elaborada no Canva a partir de mapas da região. A tipografia usada para o título é a Redonda Bold, nas variações regular e italic, no tamanho de 50 pt. Essa fonte foi escolhida porque ela traz um aspecto arredondado e orgânico para a capa, ornando a ilustração do rio, cheio de curvas.

Além disso, é uma letra que possui um peso e atrai o olhar, de modo que, primeiro se lê o título e depois se percebe o desenho. Isso facilita a associação da ilustração com o rio Cocó.

O subtítulo também é com Redonda Bold, mas na variação italic. Essa opção foi adotada para manter o padrão de tipografia, mas criar uma pequena variação na disposição das letras. O nome da autora também permanece em Redonda Bold para priorizar o conceito do minimalismo.

Figura 2 - contracapa do livro À beira do rio: crônicas do Cocó

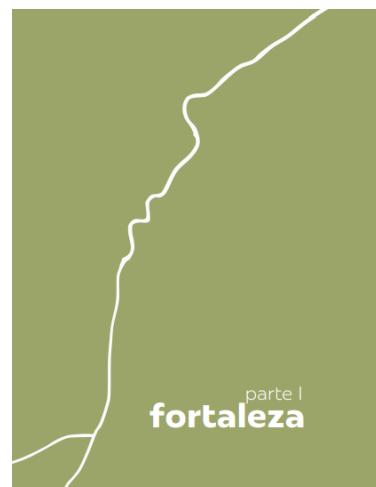


Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

A contracapa há apenas uma ilustração do rio e seus afluentes antes de chegar à Fortaleza. A cor é a mesma usada na capa.

No miolo do livro, antes do início de cada parte, há uma página com o estilo semelhante ao da capa e contracapa, ou seja, uma cor sólida, linhas que representam o curso do rio no trecho em que se passa o capítulo e a mesma tipografia do título. As páginas que antecedem cada uma das crônicas possuem os mesmos elementos, mas há a adição de um elemento, o pin de localização, junto ao nome do local. Além disso, cada parte do livro é representada por uma cor diferente, inspirada nos tons da natureza e do rio.

Figura 2 - foto da parte I do livro À beira do rio: crônicas do Cocó



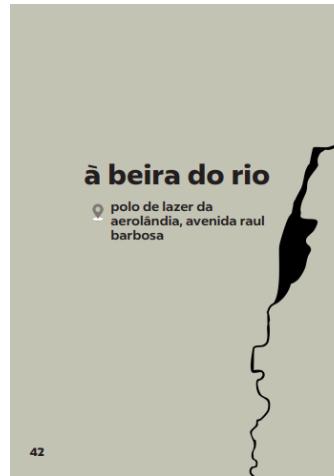
Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

Figura 3 - foto da página que introduz a primeira cônica do livo À beira do rio: crônicas do Cocó



Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

Figura 4 - foto da página que introduz a oitava crônica do livo À beira do rio: crônicas do Cocó



Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

9.2 Miolo do livro e imagens:

Para o corpo do texto, a fonte escolhida foi a Georgia Pro, no tamanho 10 pt e espaçamento 12 pt. Por ser serifada, a tipografia favorece a leitura. Os títulos presentes no miolo do livro são feitos com a mesma tipografia da capa.

Com relação às imagens, foram usadas fotografias de autoria própria, assim como imagens cedidas por fotógrafos e pela Secretaria do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Gráficos e mapas também participaram da composição do livro.

Ao final de algumas crônicas, aspas destacam algum trecho impactante do que foi escrito. Esse recurso também aparece na reportagem, mas incorporado ao texto objetivo.

Figura 5 - foto e início da quinta crônica do livo À beira do rio: crônicas do Cocó



Antonieta em sua casa e ateliê no bairro Barroso.

Antonieta corta, cola e cola manta e papel de toda cor. Enrola com fita, arranjo e polito de madeira. Decora com bolinhas coloridas e finaliza, fixando em pedestais de vidro preenchidos com serragem, suas obras.

A galinha d'água de manta branca e olhos pretos vira praça, mas a de fita preta e a de metá verde e amarela, feitas com um material que não envelhece, ela vende. "Essas, só faço por encomenda porque é muito trabalho", diz Antonieta, que é artesã há 20 anos. Bananeira com algodão e linha e flor de metá fina rosa, roxa ou amarela. Ela cria o que vê por aí, o que captura com os olhos e o coração.

Vejo Antonieta — de nome artístico, Tita — todos os dias descer da casa e os galões que ficaram entre manta e elas cairam por uma obra que leva meu nome — Projeto Cocó. A artesã está lá na parte alta da sua casa. Vejo-a flutuar através das amplas grades de metal que cercava o local enquanto contempla o mundo. O jardim é seu portal para a natureza que a cerca. Entre nós, o verde, amarelo, azul, rosado, plantas, da terra e da água de suas casas.

Observava, junto à sua mesa. Ela corta, cola, prega uma coisa a outra. Tudo com muita atenção. No fim do trabalho, algo novo, mas o sorriso é conhecido meus e dela. Suas criações são sua satisfação, sua alegria. "A coisa mais linda", encanta-se e contagia.

O prazer de Antonieta não vem unicamente do que pode construir com as mãos. Se é por aí, é porque se satisfez primariamente aliado ao amor. A beleza que produz, a beleza que sente, a beleza que encontra na natureza, uma essência que ela faz tomar corpo. Sua felicidade é poder ter perfeita, e também espalhar pelo mundo, o que encontra de maravilhoso — o bicho que bebe água, a flor bonita, a cana-de-açúcar, desenhos e cores que a inspiram.

Com tudo que me ocorre, do liso ao esgotado que me maltratam, até as plantas que me cegam e o sofrimento que me vejo causar quando encho, sinto falta de ser enxergado e não apenas visto.

vida urbana 29

Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

Figura 6 - imagem de uma das subdivisões da reportagem da parte V de À beira do rio: crônicas do Cocó



Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

Figura 7 - imagem de uma dos modelos de aspas do livro.

“
Sou eu o passageiro
– piscaram e já não
estou diante dos
olhos de ninguém.
Até a noite ou o dia
seguinte, quando
eles voltam a passar
e eu, correndo no
mesmo lugar, vou
aparecer, mais uma
vez, na janela deles.
”

vida urbana 41

Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

9.3 Paleta de cores:

O design do livro está conectado com um estilo mais minimalista, mas a obra traz seis cores que foram trabalhadas, individualmente, na capa e contracapa, em cada capítulo ou seção do livro, ou em títulos dentro do material. A paleta de cores utilizada está abaixo.

Figura 8 - cores que compõe a identidade visual do livro



Fonte: Material Lóren Souza/ Canva

1. HEX #819c95
2. HEX #9ea669
3. HEX #c5c3b7
4. HEX #87a471
5. HEX #beaa85
6. HEX #547f8b
7. HEX #687d32

10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA

O processo de elaboração do livro *À beira do rio: crônicas do Cocó* iniciou-se com a leitura de materiais que pudessem colaborar com a prática de escrita de crônicas. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*, de Yves Winkin, e *A crônica reporteira de João do Rio*, tese de mestrado de Ronaldo Salgado, foram fundamentais para que se pensasse os processos de visita, observação e, posteriormente, o de escrita.

Após o contato com esses materiais de base, foi feito um mapeamento de notícias e outras produções relacionadas ao rio Cocó e ao Parque Estadual do Cocó. Os dados e as situações veiculadas na mídia foram reunidos e catalogados. Junto às produções jornalísticas, foram selecionadas pesquisas científicas que tinham o rio como objeto de estudo.

Simultaneamente, foi feito um mapeamento de ruas, avenidas e bairros pelos quais passa o rio Cocó. Na cidade, ele é cortado pelas seguintes avenidas: Valparíso (Conjunto Palmeiras), Presidente Costa e Silva (no Jangurussu); Pompílio Gomes (divisa entre os bairros Passaré e Barroso); Paulino Rocha (Boa Vista e Cajazeiras); BR-116 (Cajazeiras Aerolândia e Jardim das Oliveiras); General Murilo Borges (Salinas); Washington Soares (Salinas); Sebastião de Abreu (Cocó); Ponte da Sabiaguaba / Avenida Dioguinho (Sabiaguaba).

Esses pontos serviram como marcos de orientação para delimitar ou escolher áreas que seriam visitadas para a elaboração das crônicas. Elas também serviram como guias para a apuração, de modo que ela foi feita seguindo o percurso do rio — e os locais pelos quais passava — de sul a norte e, depois, a leste da cidade.

Após esse processo, alguns locais foram escolhidos para serem visitados para a elaboração das crônicas. Os personagens citados nos livros foram encontrados tanto durante os momentos de visita, quanto previamente. Também foi feito um levantamento de fontes especialistas, como biólogos, cientistas ambientais e geógrafos. Após todas as entrevistas, fontes oficiais foram procuradas. Para as entrevistas, foram montados roteiros de perguntas semi-estruturadas.

O processo de escrita foi contínuo e paralelo ao das visitas e entrevistas. A cada local visitado, crônicas eram feitas a respeito do local, das pessoas, dos animais ou das plantas que ali existem. Ao final da elaboração das crônicas, foi um texto objetivo foi construído para complementar o que foi retratado nas primeiras partes do livro. Essa estrutura foi pensada porque algumas informações o rio não poderia apresentar, uma vez que ele não teria conhecimento delas. O texto de reportagem não apenas apresenta essas informações, como

usa de dados e falas para contextualizar de forma mais ampla os recortes apresentados nas crônicas.

O objetivo do material era narrar as histórias contadas pelos personagens e também os cenários e os fatos observados durante as visitas de um modo sensível, repassando para o texto as emoções que surgiram nos relatos de uma forma precisa e fiel. Com isso, se buscou aproximar as diferentes realidades, que percorrem a cidade junto com o rio, dos leitores e gerar identificação e empatia. Esse processo tornou a escrita um ponto delicado que exigiu muito tempo e cuidado para o devidamente refinamento das ideias e do próprio texto. A atenção e a energia investidas nesse processo foram indispensáveis para homogeneizar a voz do rio ao longo do livro, desenvolver os sentimentos que ele possui — observados nas pessoas entrevistadas — precisar as descrições dos locais e das histórias narradas e retratar os diferentes relacionamentos que o rio possui e presencia.

Ao escrever sobre o Cocó, elemento tão comum a cidade de Fortaleza, se buscou chamar atenção para todos diferentes aspectos dele e elevar a uma posição de destaque as pessoas, locais, problemas, animais e plantas que compõem o universo complexo que é esse rio. Além disso, o trabalho também se propõe a causar identificação e reflexão sobre o relacionamento a cidade — e cada uma das pessoas nela — tem não só com o rio, mas com todo o espaço natural.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação e jornalismo ambiental*. Niterói: Mojoara, 2007.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).

COSTA, Ademir. Demandas dos movimentos ambientais por áreas verdes em Fortaleza. 1. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2014.

COSTA, Maria Ligia Farias. Quanto sobra de verde em uma metrópole? Um estudo sobre a cobertura vegetal e corredores ecológicos em Fortaleza, Ceará. 2022. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Ambientais) – Instituto de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

DIÁRIO DO NORDESTE. Com 66 áreas de risco em Fortaleza, Prefeitura e Governo Federal irão revisar situação desses locais. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 14 mai 2025.

Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/com-66-areas-de-risco-em-fortaleza-prefeitura-e-governo-federal-irao-revisar-situacao-desses-locais-1.3511815>. Acesso em: 1 fev. 2025.

DIÁRIO DO NORDESTE. Rio Cocó tem contaminação por microplástico que afeta peixes e ostras consumidos pela população. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 3 set. 2023. Disponível em:
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/rio-coco-tem-contaminacao-por-microplastico-que-afeta-peixes-e-ostras-consumidos-pela-populacao-1.3446668>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FRANÇA, Rosilene de Melo. Proposta metodológica de identificação do alto, médio e baixo curso da bacia hidrográfica do rio Cocó, Ceará, Brasil. Geosaber, Fortaleza, v. 10, n. 21, pág. 1 a 11, maio de 2019.

FONTANA, A., & Frey, J. H. The interview: From structured questions to negotiated text. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 645-672). Sage Publications, 2005.

Governo do Estado do Ceará. Parque Estadual do Cocó: o sonho verde de Fortaleza / Demétrio Andrade (Editor.). — Fortaleza: SEMA / Gráfica Perfeita, 2021.

Governo do Estado do Ceará. Projeto Rio Cocó. *Cidades - Governo do Ceará*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cidados.ce.gov.br/projeto-rio-coco/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

HANSEN, A. (ed.). *The Mass Media and Environmental Issues*. Leicester: Leicester University Press, 1993. p. 134-149

HANUSCH, F. *Journalistic empathy: A systematic literature review*. *Journalism Studies*, 19(12), 1774-1793, 2018

JÚNIOR, Antonio & RIBEIRO, Isabel & AMORIM, Jorge. (2024). PARQUES URBANOS E ILHAS DE FRESCOR: A importância do Parque do Cocó para o conforto térmico na cidade de Fortaleza/CE. *Geo UERJ*. 10.12957/geouerj.2024.80373.

MOISES, Massaud. *A criação literária — prosa II*. 15º edição revista e atualizada. São Paulo, Editora Cultrix, 1997.

O POVO. Demarcação do Parque do Cocó: de 1977 até 2017. *O Povo*, 14 jun. 2017.

Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/06/demarcacao-do-parque-do-coco-de-1977-ate-2017.html>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PENA, Felipe. (2007). O jornalismo Literário como gênero e conceito. *Revista Contracampo*. 2. 43. 10.22409/contracampo.v2i17.349.

PORTELA, Eduardo. A crônica barsileira da modernidade. In: *Crônica, teatro, crítica*. II Bienal Nestlé. São Paulo, Norte Editora. 1986.

SALGADO, Ronaldo. *A crônica repórteira de João do Rio*. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade, 2006. 192 p.

SOUZA, Telma Parente; **OLIVEIRA**, Temístocles Anastácio de. *Aguanambi: o rio, a via, o parque*. 2011. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

UNESCO. Mangrove ecosystem conservation. *UNESCO*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/days/mangrove-ecosystem-conservation>. Acesso em: 1 fev. 2025.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas-SP: Papirus, 1998. 216 p. : ISBN 85-308-0527-5.